

**Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa  
Faculdade de Economia, Administração e  
Engenharia**

**Vitor Avilla Vega Garcia**

**VALORES AMERICANOS E A  
DESIGUALDADE NOS ESTADOS UNIDOS**

**São Paulo**

**2017**

**Vitor Avilla Vega Garcia**

# **Valores americanos e a desigualdade nos Estados Unidos**

Monografia apresentada  
ao curso de Ciências  
Econômicas, como requisito  
parcial para a obtenção do Grau  
de Bacharel do Insper Instituto  
de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Vinícius  
de Bragança Müller de Oliveira -  
Insper

**São Paulo**

**2018**

## Resumo

Garcia, Vitor Avilla Vega. Valores Americanos E A Desigualdade Nos Estados Unidos. São Paulo, 2018. 22pg. Monografia – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Os Estados Unidos são vistos (ou se apresentam) como a terra da oportunidade, onde os indivíduos têm as mesmas condições de acesso à educação, saúde e as mesmas oportunidades durante suas vidas. Esse é um princípio que norteia a sociedade americana desde a própria independência do país e que serviu de molde para grande parte dos países ocidentais na organização de suas próprias sociedades. Na verdade, o que se pode observar é um crescente aumento na desigualdade de renda, decorrente de uma série de fatores analisados nesse trabalho, principalmente a desigualdade de oportunidades. Na medida em que os ideais americanos pregam determinados valores, o que se observa na prática são medidas tomadas pelos líderes político-econômicos do país que caminham muitas vezes na direção oposta a essas ideias. O trabalho objetiva construir uma análise entre a relação desses valores com o aumento da desigualdade no país, e apontar ao leitor o porquê muitas vezes esses aspectos não conversam ou se apresentam de maneira oposta.

Termos chave: Renda, riqueza, desigualdade de oportunidade, *American Dream*, *Self Made Man*, *Trickle-down*.

# Abstract

Garcia, Vitor Avilla Vega. American Values And Inequality In The United States. São Paulo, 2018. 22pg. Monograph – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa

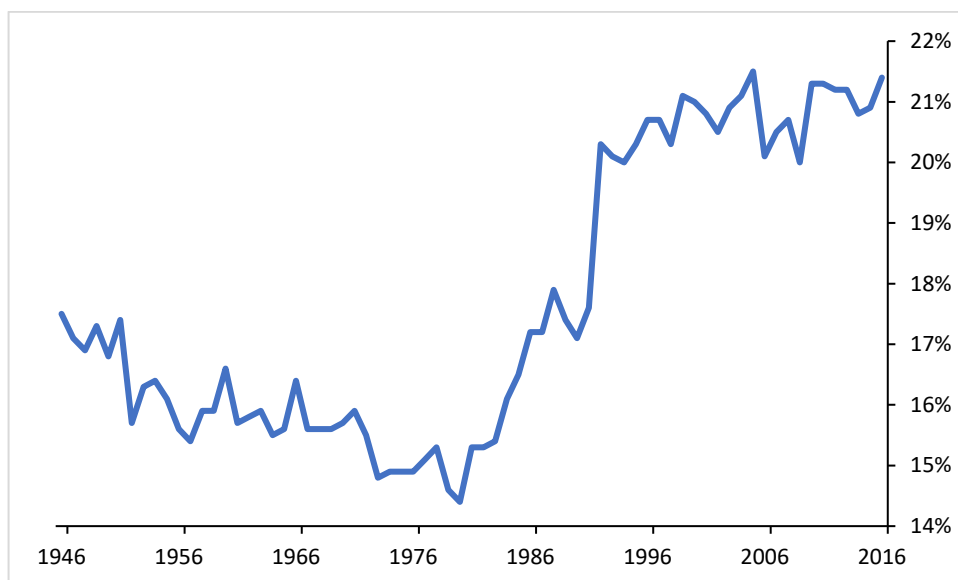
The United States is seen (or presented) as the land of opportunity, where individuals have the same conditions of access to education, health and the same opportunities during their lives. This is a principle that has guided American society since the country's own independence and which has served as a model for most Western countries in the organization of their own societies. In fact, what can be observed is a growing increase in income inequality, due to a series of factors analyzed in this paper, mainly the inequality of opportunities. To the extent that American ideas preach certain values, what is observed in practice are measures taken by the country's political-economic leaders who often move in the direction opposite to these ideas. The paper aims to construct an analysis between the relation of these values and the increase of inequality in the country, and to point out to the reader why these aspects often do not converse or present themselves in the opposite way.

Keywords: Income, wealth, inequality of opportunity, American Dream, Self-Made Man, Trickle-down

# 1. Introdução

Discussões sobre desigualdade de renda vem crescendo ao redor do mundo todo nos últimos anos. Desde a crise de 2008-2009, que se iniciou nos Estados Unidos e se propagou para os demais países, os níveis de desigualdade cresceram muito, inclusive nos países mais desenvolvidos. Segundo fontes do *World Top Incomes Database*, a participação de renda dos 1% mais ricos em alguns dos principais países industrializados como Estados Unidos, Reino Unido, Canada e Japão dobrou desde a década de 1980, com uma aceleração expressiva principalmente nas últimas 2 décadas.

## Participação na demanda agregada dos 5% mais ricos nos EUA



Fonte: United Census Bureau

Mas porque isso ocorre? Parte desse aumento da desigualdade é explicado pelas medidas adotadas pelos líderes político-econômico dos países. Por exemplo, nos EUA houve uma clara crença de que ao beneficiar a camada superior da sociedade, os recursos obtidos pelos mais ricos seriam transmitidos às camadas com menores níveis de renda. Foi o que foi feito por Obama e pelo FED (Banco Central dos Estados Unidos). A ideia era simples: salvando os bancos e banqueiros, todos se beneficiariam. Os bancos iriam reiniciar os empréstimos. Os ricos criariam mais empregos. Esta estratégia, argumentou-se na época, seria muito mais eficaz do que ajudar os proprietários, empresas ou trabalhadores diretamente.

Outra estratégia clara tomada pelo FED ficou conhecida como *Quantitative Easing* (QE), a extraordinária diminuição nas taxas de juros do país como forma de impulsionar a atividade econômica. Essa política levaria a preços mais altos no mercado de ações, o que geraria maior riqueza para os ricos, que depois gastariam parte disso, o que, por sua vez, beneficiaria o resto da sociedade. Como se pôde observar pela lenta recuperação da economia americana, não foi de fato o que ocorreu.

A contraposição entre as ações tomadas pelos líderes do país e os princípios da sociedade americana é gritante. Muitos dos valores pregados pelos americanos estão ligados à imagem do *Self Made Man* e à ideia do *American Dream*, que nada mais são do que a personificação e a trajetória de sucesso que os americanos vislumbram para si. *Self Made Man*, em outras palavras, é a valorização do indivíduo que, em igualdade de condições, consegue se sobressair por seus próprios méritos, ideias e conquistas. É um conceito antigo, enraizado na própria construção da sociedade americana desde 1776, ano da independência do país. Ícones da história dos EUA são em sua grande maioria *Self Made Men*, desde Rockefeller, JP Morgan, Thomas Edson e Benjamin Franklin até mais recentes como Bill Gates e Steve Jobs. Todos têm em comum o admirável legado que deixaram e a notável ascensão que construíram durante suas vidas e carreiras. Seus feitos e ideias são a base do que o americano médio almeja e respeita. É disso que se trata o *American Dream*.

Provavelmente, o aspecto mais contraditório seja justamente a desigualdade de oportunidades que se vê nos Estados Unidos. Inúmeros estudos mostram que as perspectivas de vida de um jovem americano dependem fortemente da renda e da educação de seus pais, mesmo mais do que em outros países avançados. O país está longe de apresentar condições de igualdade para todos. Há também estudos que observaram o vínculo entre a desigualdade de resultados e a desigualdade de oportunidades. Quando há grandes desigualdades de renda, aqueles que estão no topo podem comprar por seus privilégios, algo não factível para classes mais baixas, e muitas vezes eles acreditam inclusive que é seu direito e obrigação fazê-lo. E, é claro, sem igualdade de oportunidades, os que nascem no fundo da distribuição provavelmente terão mais entraves em mudar sua condição. Ou seja, as

desigualdades de resultados se perpetuam. Seria o "*American Dream*" grande parte um mito?

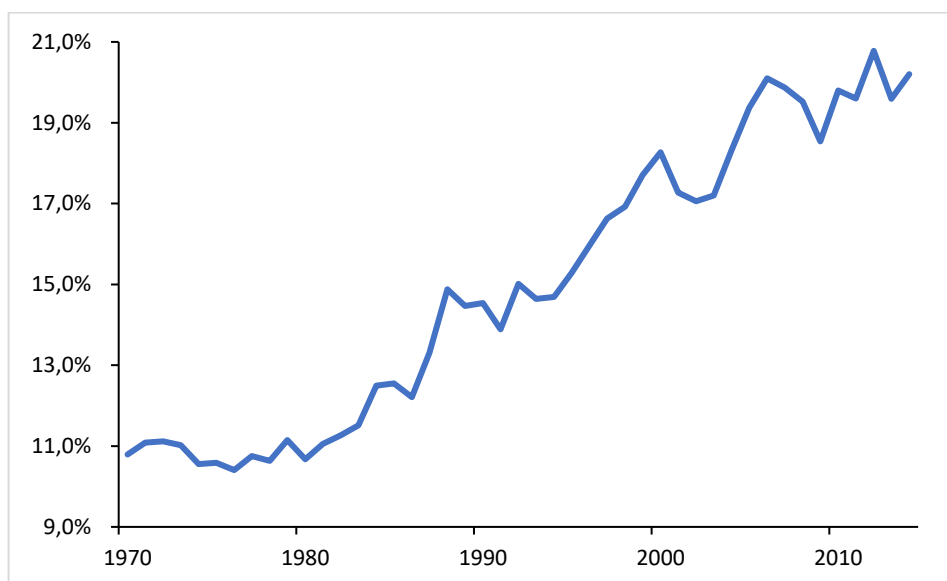
Entender essa relação entre os valores da sociedade americana e a desigualdade do país é de extrema relevância, visto que os Estados Unidos são o molde e espelho de muitas das grandes nações ocidentais, tanto político e economicamente, quanto também em termos de valores e instituições. Portanto, é profundamente preocupante o que vem se observando em termos da evolução da desigualdade e a forma com os principais agentes da sociedade vem lidando com isso. Dado o baixo nível de igualdade de oportunidades da sociedade americana e o alto nível de desigualdade de renda e riqueza, é possível que o futuro seja ainda pior, com maiores aumentos na desigualdade de renda e ainda maiores reduções na igualdade de oportunidades.

Dada a importância e atualidade do tema, esse estudo tem como objetivo compreender as ações dos principais agentes da sociedade americana, bem como as consequências de seus atos, e sua relação com os valores que são os pilares nos quais o país foi construído. Para tanto, o trabalho utilizará como base artigos e *papers* de autores que vêm estudando esse tema há tempos e são referência no assunto, como os economistas americanos Joseph Stiglitz e Peter Temin. Em especial, destaca-se a obra de Stiglitz, ganhador do prêmio Nobel em economia, *The Price of Inequality*, onde o autor analisa justamente a perda advinda do aumento da desigualdade nos EUA.

## **2. Revisão de Literatura**

Como apontado acima, um dos principais autores que estuda a questão da desigualdade nos EUA é Joseph Stiglitz, ganhador do prêmio Nobel de 2001. O estudioso constata em seus *papers* e em sua clássica obra *The Price of Inequality: How Today's Divided Society Endangers our Future*, que existem diversas formas de se medir a desigualdade. Uma das mais clássicas é justamente a desigualdade de renda. Seus estudos mostram que mais de um quinto de toda a renda americana vai para a parcela 1% mais rica da população, algo duas vezes maior do que há 30 anos atrás. Ainda, desde a recuperação da recessão de 2008-2009 (desde que os EUA retomaram seu crescimento) 95% dos ganhos na renda passaram para esse mesmo 1% da população.

## Receita nacional Antes de impostos do 1% mais rico dos EUA



Fonte: World, Wealth and Income Database

O autor também discute a distribuição da riqueza na sociedade (*distribution of wealth*). A riqueza nos Estados Unidos é muito mais concentrada do que a renda. O 1% mais rico detém 35% da riqueza do país, e vêm enriquecendo a um ritmo muito superior ao da parcela mais pobre da sociedade.

Stiglitz, em seu *paper Inequality of Economic Growth*, observa que essas desigualdades apresentam diversas variações entre raças e setores da economia. É possível observar que negros ou hispânicos nos EUA sofrem mais e possuem uma representatividade muito menor na economia do que americanos brancos de classe média. Também é possível notar que existem desigualdades em diversas dimensões, como saúde, educação e alimentação das diversas classes sociais americanas. Mas, para o autor, o aspecto mais marcante da desigualdade é o da desigualdade de oportunidades. Igualdade de oportunidades, “American Dream”, sempre foi um ideal americano extremamente apreciado. Porém, o recente desenvolvimento da história americana parece mostrar que isso é um mito: os EUA se tornaram o país avançado não só com o mais alto nível de desigualdade, mas um daqueles com a menor igualdade de oportunidades. As perspectivas de vida de um jovem americano são mais dependentes do que nunca da renda e educação de seus pais, principalmente se comparados com outros países desenvolvidos. Aparentemente, o país está indo contra um de seus valores fundamentais.



Um conceito muito importante abordado por Stiglitz em seus *papers* é o de “*trickle down strategy*”, uma estratégia utilizada pelos tomadores da política econômica americana após a recessão de 2007-2008 que defendiam *políticas econômicas regressivas*: ao favorecer as classes mais ricas, as demais classes da população também acabariam por se beneficiar. Os recursos concedidos aos ricos inevitavelmente “escorregariam” (*trickle down*) para as demais classes sociais. Dentre as principais medidas tomadas pelo governo e que iam de acordo com essa linha teórica, está por exemplo a enorme queda na taxa de juros, que beneficiou sensivelmente o mercado de ações americano e as grandes corporações do país. A ideia de que, ao salvar os bancos e banqueiros, todos se beneficiariam passava pelo fato de que os bancos reiniciariam os empréstimos criando mais empregos. Isso em si seria muito mais eficaz do que ajudar proprietários, empresas ou trabalhadores diretamente. Como se pode ver pelo oscilante desempenho da economia americana desde 2008, o objetivo inicial não foi diretamente alcançado, e um dos grandes efeitos colaterais dessa causa foi justamente o expressivo aumento da desigualdade no país.

Em sua obra *The Price of Inequality for a Sustainable Humanity*, Stiglitz discorre sobre vários equívocos defendidos por algumas linhas de pensamento econômico no país que acabam, de uma forma ou de outra, defendendo a desigualdade. Por exemplo, há os que pensavam que não se devia preocupar com a desigualdade, uma vez que todos se beneficiariam conforme o dinheiro se distribuisse do topo às demais classe sociais. Após o fracasso da estratégia de *trickle down*, porém, essa é uma ideia que vem perdendo crédito diariamente.

Outras duas teorias ainda são abordadas por Stiglitz nessa mesma obra, também em linha com a estratégia de *trickle down*. A primeira defende que, não só toda população se beneficiaria da abundância dos mais afortunados, mas a desigualdade é realmente necessária para o crescimento e desenvolvimento do país. Em outras palavras, há o equívoco de que aqueles que estão no topo são os criadores de trabalho e dar mais dinheiro para eles, portanto, criará mais empregos, sendo esta a única maneira pela qual os trabalhos podem ser criados.

A segunda, por sua vez, defende que os mais ricos estão apenas colhendo os frutos do bem que fizeram a sociedade através de suas ideias, conceitos e produtos por eles desenvolvidos. Essa teoria também se mostra

falha, uma vez que os agentes mais ricos do país não são os que produziram os bens mais necessários para o desenvolvimento econômico e prosperidade da sociedade. Pelo contrário, são muitas vezes indivíduos e corporações que conseguem de uma forma ou de outra se apropriar do *rent-seeking* ou de medidas tomadas por outros agentes, como o próprio governo do país.

Outro autor, Angus Deaton, ganhador do prêmio Nobel em 2015, também aborda o mesmo ponto de Stiglitz ao apontar que a desigualdade pode ser fruto de uma invenção que tenha enorme contribuição social e que, se bem aceita pelo mercado, pode “*premiar o inventor de acordo com a aceitação de seu produto*”, nas palavras do próprio autor. Em sua obra, “*The Great Escape*”, Deaton mostra que de fato essas invenções causam certa desigualdade de renda, mas ao mesmo tempo trazem um desenvolvimento social muito maior. Invenções que melhoram o acesso à tecnologia, refinam descobertas médicas e aperfeiçoam o acesso à educação não são vistas pelo autor como um mal social. Na verdade, Deaton utiliza argumentos semelhantes ao de Stiglitz ao apontar que o *rent-seeking* e abuso político das classes mais abastadas é o que atrasa o desenvolvimento social e prejudica as condições de igualdades de oportunidades. Cada vez mais a parcela superior da população vem se apropriando de condições pré-existentes, herdadas de seus antecessores por exemplo, para prosperar e se favorecer ainda mais, o que aumenta a desigualdade de maneira prejudicial ao país.

De diversas formas a desigualdade atrasa o desenvolvimento econômico da nação. Duas maneiras se destacam. A primeira, já tratada anteriormente, defende que a desigualdade está associada à desigualdade de oportunidades. Quando aqueles que estão no fundo da distribuição de renda estão em grande risco de não viver de acordo com seu potencial e com acesso à privilégios que só uma parcela pequena da população possui, a economia paga um preço não só com a demanda mais fraca hoje, mas também com menor crescimento no longo prazo. A segunda, por sua vez, mostra que sociedades com maior desigualdade são menos propensas a fazer investimentos públicos que melhorem a produtividade, como transporte público, infraestrutura, tecnologia e educação. Se os mais ricos acreditam que não precisam dessas facilidades públicas e se preocupam que um governo forte que possa aumentar a eficiência

da economia possa, ao mesmo tempo, usar seus poderes para redistribuir renda e riqueza, é intuitivo notar que o investimento público é menor em países com maior desigualdade

Outro autor importantíssimo que discute a questão da desigualdade de renda nos EUA é Peter Temin. Em sua obra *The Vanishing Middle Class: Prejudice and Power in a Dual Economy*, Temin argumenta que, após décadas de crescente desigualdade, os EUA vivenciam um sistema onde existem duas classes: uma classe de renda elevada, que representa uma parcela pequena e predominantemente branca da população e que possui uma poder desproporcional sobre dinheiro e influência política no país, e uma outra classe com renda inferior, mas ainda principalmente branca, que apresenta uma maior número de indivíduos e que está frequentemente sujeita às imposições do primeiro grupo.

A disparidade entre as duas classes é justamente o que faz o autor identificar a economia como “dual”. Na primeira classe, que o autor argumenta como sendo aproximadamente 20% da população americana, encontram-se trabalhadores e gerentes experientes com diplomas universitários (Temim não diferencia a qualidade dos diplomas) e altos salários que se concentram fortemente em áreas como finanças, tecnologia e eletrônicos. Por isso o autor os nomeia de "setor FTE", *finance, tech and electronics*. A segunda classe ele simplesmente classifica como os trabalhadores pouco qualificados.

Independentemente de qual abordagem Temim ou Stiglitz utilizam para entender a desigualdade de renda, é interessante notar que ambos convergem no que diz respeito a políticas que favorecem o fim da desigualdade. Claramente, tanto Temim quanto Stiglitz defendem a educação, principalmente o acesso à educação pública de qualidade, como imprescindível para que se possa alcançar tanto uma sociedade mais igual quanto as consequências e ganhos advindos da igualdade de renda como maiores de atividade e produtividade, por exemplo

Outro ponto defendido comumente pelos autores é o investimento em infraestrutura de qualidade. Para os economistas, infraestrutura é uma peça chave na medida em que investimentos bem projetados aumentam a produção tanto no curto como no longo prazo, especialmente quando a economia está

operando abaixo do potencial. Além disso, tornam a sociedade como um todo mais produtiva, fazendo com que o tempo gasto pela mão de obra, uma vez empregado em projetos e na execução das ideias, possa ser gasto com outros fins, como pesquisa e desenvolvimento. Como pode-se observar, cria-se um círculo virtuoso especialmente próspero para as classes menos favorecidas, mas também benéfico para a sociedade de uma maneira geral.

Muito do analisado acima vai contra os ideais americanos. Dois dos princípios mais valorizados pela sociedade americana são o *American Dream* e o *Self Made Man*. O primeiro, retratado nos parágrafos anteriores, trata da igualdade de oportunidades. Diante de condições semelhantes e à disposição de todos, o americano valoriza aquele que por esforço e mérito próprio consegue se sobressair e atingir metas como satisfação profissional, legado, construção de laços familiares, etc. A personificação desse indivíduo em condições ideais é justamente o *Self Made Man*: aquele que consegue aproveitar dos recursos a sua disposição e criar, ou realizar, façanhas louváveis e marcantes para a sociedade como um todo.

Vale notar que em nenhum momento esses dois princípios são norteados por ajuda externa ou seletiva. Muito pelo contrário, eles são contrários a esse tipo de atitude. Não obstante, a postura dos principais líderes do país vai justamente contra esses valores e ideais, uma vez exaltados pela sociedade americana. Grupos específicos são favorecidos por outros com interesses comuns, e então são enaltecidos como os grandes vencedores da sociedade. Nesse quesito enquadram-se muitas vezes banqueiros, grandes advogados e líderes de multinacionais americanas e inclusive políticos.

O objetivo desse trabalho é justamente analisar até que ponto esses valores ainda prevalecem na sociedade americana versus em qual medida eles foram distorcidos, ou deixaram de serem vistos como algo crucial para o americano médio. Se esse for o caso, o *paper* propõe entender quais novos valores vieram a preencher essa lacuna na cultura americana, que durante tanto tempo prezou e frisou a importância da igualdade de oportunidade e da meritocracia.

## **3. Metodologia**

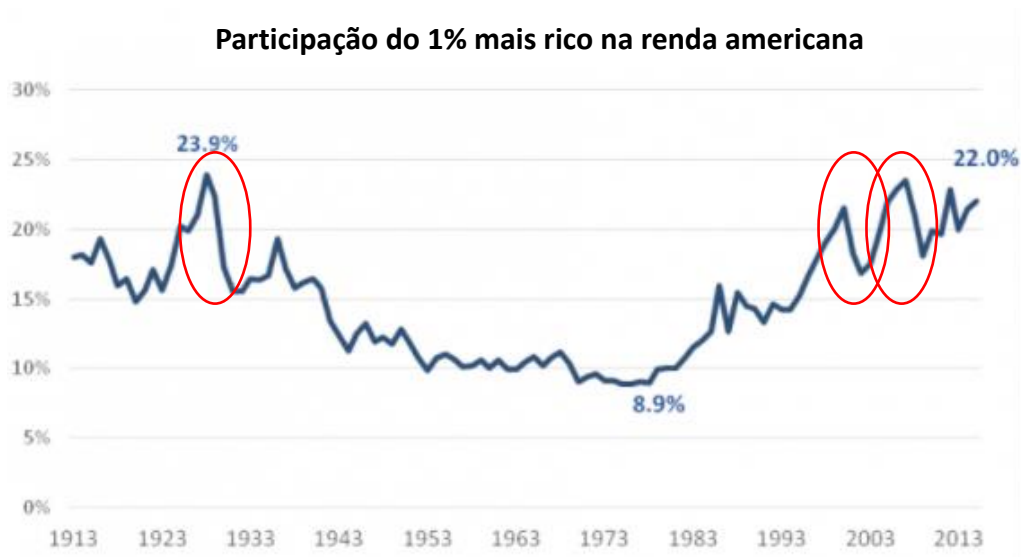
Para a metodologia do trabalho será feita uma análise de dados sobre a evolução da desigualdade nos EUA a partir do século XX. Como mostrado anteriormente, existem diversos tipos de desigualdade, mas para fins do estudo, focaremos em três principais: renda, social, de oportunidades. Assim, serão apresentados dados públicos que foram coletados em diversas fontes, como o Banco Mundial, OCDE, World Wealth and Income Database e United Census Bureau, para ilustrar o quanto o país ainda tem que melhorar, tanto internamente quanto quando comparado com outros países em termos de desigualdade.

Algumas considerações merecem destaque em relação ao período que será apresentado. Como dito anteriormente, a extensão da análise tem o início século XX como ponto de partida. Os motivos dessa escolha tem como base o fato de que i) houve desenvolvimento substancial e de velocidade significativamente mais acelerada do capitalismo no país; ii) é um período que abrange extensão suficiente de tempo para que se possa tirar quaisquer vieses de um época menor e mais restrita e iii) foi a partir do século XX que se pode observar os principais marcos econômicos (ampliação do mercado de ações, consolidação de grandes instituições financeiras, avanços tecnológicos) e crises (1929 e 2008 por exemplo), que permitirão uma análise mais profunda da variação da desigualdade no país.

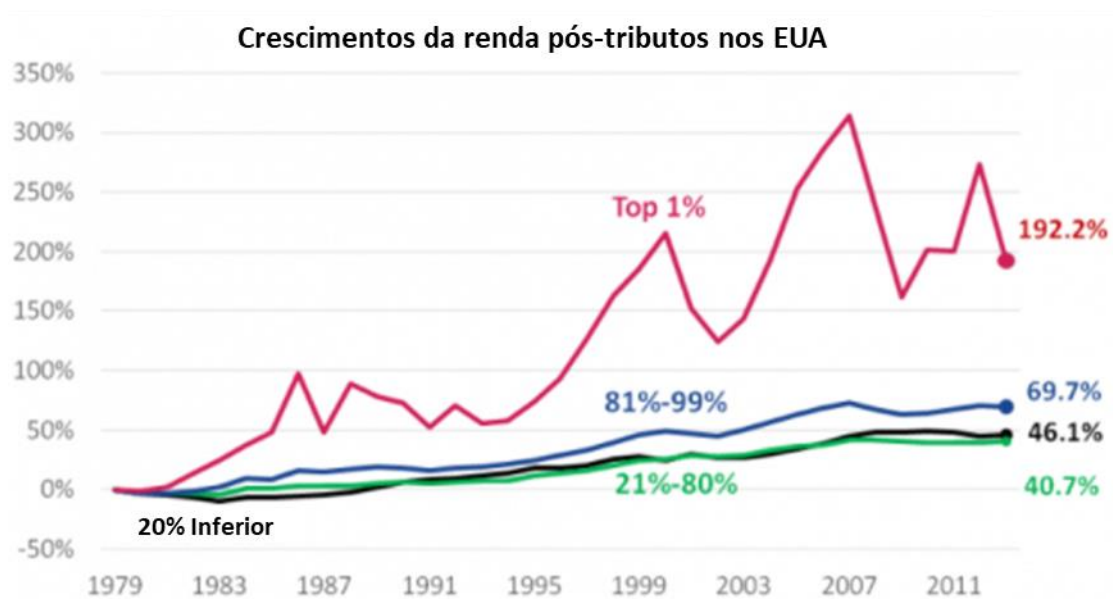
### **3.1 Considerações sobre a desigualdade nos EUA**

Abaixo dois gráficos que auxiliam na análise da evolução da desigualdade de renda nos EUA:

i)



Fonte: Congressional Budget Office website



Fonte: Congressional Budget Office website

O primeiro gráfico nos mostra a evolução da participação na renda da população americana pertencente ao 1% mais rico. Fica claro pelo gráfico que i) os níveis atuais de desigualdade são tão elevados quanto os de 1913 e ii) como destacado pelas regiões em vermelho, há uma nítida aceleração da desigualdade durante crises econômicas. As três regiões destacadas representam, respectivamente, as crises de 1929, bolha tecnológica de

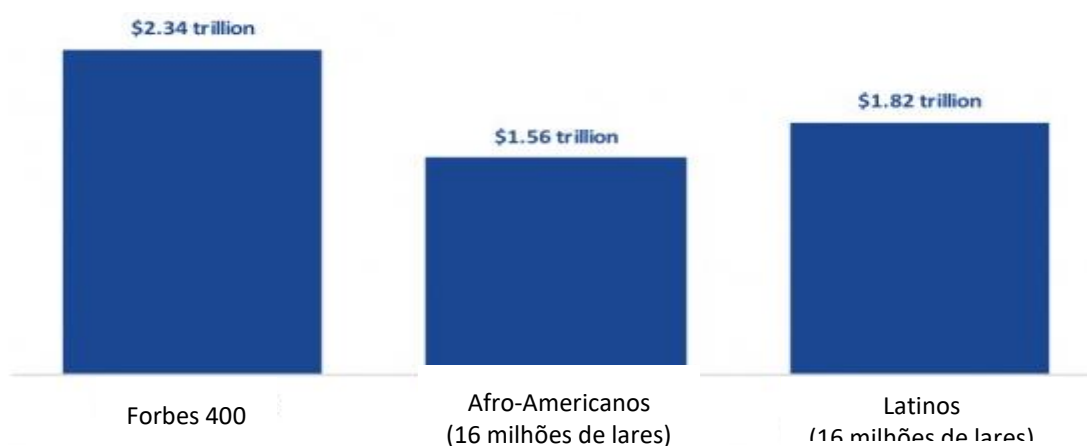
1999/2000 e, mais recentemente, a crise de 2007/2008. Ou seja, a desigualdade tende sim a se acentuar em tempos de crise.

Parte dessa aceleração na desigualdade vem das decisões político/econômicas tomadas após as crises, como descrito na Revisão da Literatura, e parte vem simplesmente da desaceleração da economia, queda no emprego, que tende a impactar mais as classes mais baixas da população.

Como forma de ampliar a análise em questão, o segundo gráfico foi construído para complementar o primeiro. É possível notar a disparidade gritante na aceleração do crescimento da renda da população mais rica versus o crescimento da renda da população mais pobre, não só em tempos de crise. Dessa forma, nota-se que as acentuadas descobertas tecnológicas, o desenvolvimento e a complexidade da economia e o avanço em questões de igualdade jurídica, não foram refletidos na prosperidade e igualdade da população, inclusive nas últimas décadas

O mesmo é válido para a discussão de riqueza nos EUA. Ao analisarmos a distribuição das 400 pessoas mais ricas do país, indivíduos majoritariamente brancos, filhos de pais também americanos brancos segundo a revista Forbes, observa-se o seguinte:

Riqueza da Forbes 400 comparada à Famílias Afro-Americanas e Latinas (2015)



Fonte: Billionaire Bonanza: The Forbes 400 and the Rest of US

Há nos Estados Unidos não só uma concentração significativa no 1% mais rico da população, como também uma nítida divisão racial da riqueza. Do ponto

de visto dos Afro-Americanos, isso é explicado por uma questão histórica nos EUA que marginalizou negros durante anos, e que ainda está fortemente presente no país, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação de ensino superior. Do ponto de vista das famílias Latinas, a baixa participação na renda do país é explicada pelo forte fluxo de latinos buscando emprego nos Estados Unidos, mas que sem a educação necessária não encontram, em sua maioria, trabalho que possa se equiparar em termos financeiros ao de um americano branco médio. Na verdade, muitos são os casos em que, não encontrando essa oportunidade, acaba-se optando pelo emprego informal no país, e naturalmente um salário menor.

Por fim, a falta de igualdade de oportunidades nos EUA é nítida quando se observa 2 pontos-chaves para o país: saúde e educação. Apesar de a parcela mais rica ter acesso a excelentes hospitais e escolas, os níveis per capita e a desigualdade americana fazem com que os o país como um todo se afaste muito dos níveis esperados para países desenvolvidos. Utilizando dados do Banco Mundial, é possível observar a relação entre maiores expectativas de vida, decorrentes de melhores sistemas de saúde, e a desigualdade de diversos países.

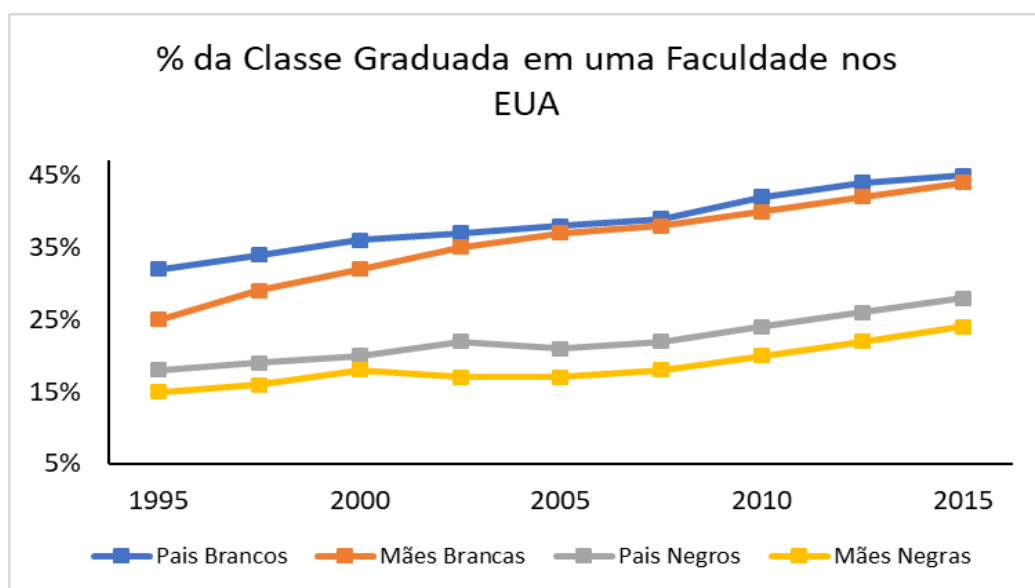


Fonte: Banco Mundial



Assim, dentre um dos indicadores de oportunidade citados (saúde), fica claro que os EUA ficam muito atrás de outros países desenvolvidos. O coeficiente de Gini, utilizado como variável para representar a desigualdade, é muito superior quando cruzado com a expectativa de vida no país, variável utilizada para representar a saúde.

Olhando internamente, podemos utilizar a educação para mostrar como o país falha em dar oportunidades iguais para os próprios americanos.



Fonte: Child Trends

Se compararmos a porcentagem da população de pais brancos no país que possui um diploma de faculdade com a porcentagem de pais negros, observamos que esse valor é aproximadamente o dobro (~45% da população branca e 22% para a população de pais negros).

Os indicadores de renda, riqueza e oportunidade utilizados deixam claro que a "terra da oportunidade" não só ainda é muito mais desigual que outros países desenvolvidos, como também falha em garantir acesso de qualidade para diferentes classes dentre os próprios americanos

## 4. Valores da Americanos e Desigualdade

"*American Dream*" se tornou um termo generalizado para descrever o modo de vida americano em geral, mas não é um termo tão fácil de ser explicado e compreendido, visto que carrega sempre algo individual, variando de acordo com os anseios e ambições de cada um. Isto ajuda a entender porque até hoje ninguém conseguiu dar uma definição universalmente aceitável do termo. Outra razão que sempre tornou o *American Dream* bastante discutível na sociedade americana é sua permanente mudança ao longo das décadas: os ideais, sonhos e objetivos de um americano médio atual não são necessariamente os mesmos da década de 1920.

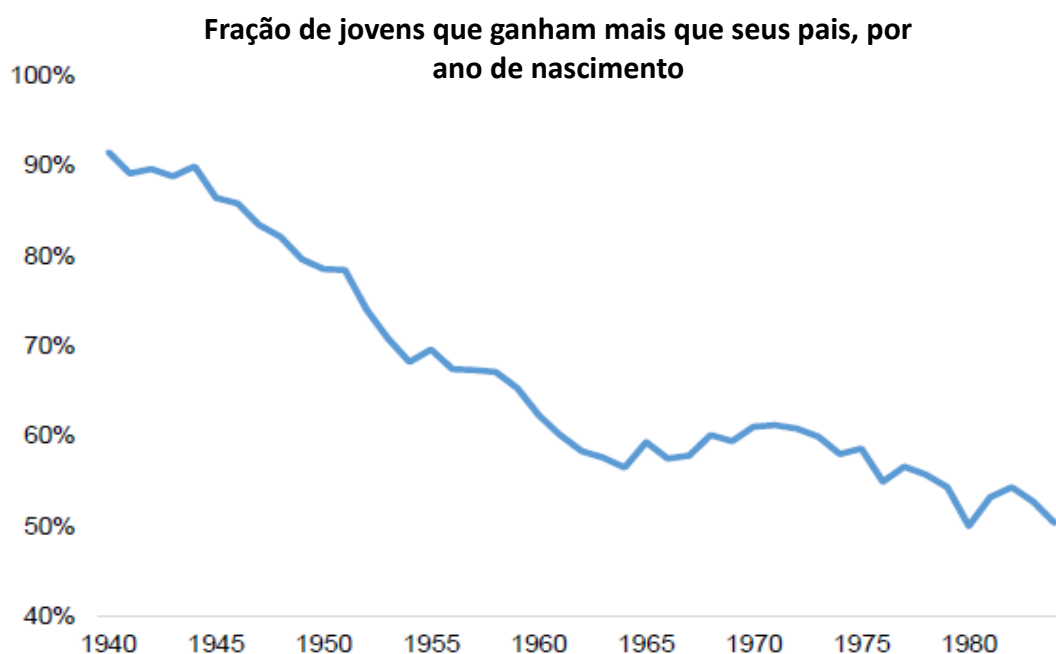
Muitos historiadores americanos dizem que o American Dream tem seus primórdios na Declaração da Independência e nos primeiros colonos Europeus que trouxeram consigo a ideia básica de que todo homem e mulher, independentemente de seu nascimento, conseguiria atingir todo seu potencial em uma terra de igualdades. Aquele que obtém sucesso e serve de modelo para os demais é o Self Made Man (Empreendedor, em uma tradução literal do termo).

Nesse aspecto, todos devem ser tratados e vistos igualmente e ser reconhecidos pelos outros pelo que são e alcançaram, referindo-se à sua posição. Para alguns, o American Dream está ligado a tornar-se rico e à capacidade de conseguir tudo, trabalhando duro o suficiente para isso (da pobreza à riqueza). Para outros, é muito mais e está além do materialismo. Para esses, é o sonho de viver uma vida simples, feliz e gratificante através do esforço e da igualdade.

*American Dream* também trata da liberdade e dos Estados Unidos serem um país de oportunidades ilimitadas. Ele passa pela ideia de que imigrantes de diferentes nacionalidades, origens étnicas e crenças religiosas podem ser fundidos em uma nova nação sem abandonar suas diversas culturas. É a ideia de que os Estados Unidos podem ser um país onde todos conseguem viver pacificamente juntos. Dessa forma, *American Dream* tem muito a ver com a "América" sendo um país de imigração, e todos esses imigrantes consigam viver uma vida melhor no novo mundo, com as mesmas oportunidades que os próprios americanos.

Além da constatação clara de que esses valores não são vistos no dia a dia da sociedade americana, vide as diversas medidas tomadas pelo atual presidente americano contra imigrantes mexicanos por exemplo; as diferenças entre a qualidade e o acesso à saúde que negros e brancos no próprio país possuem e a dificuldade de se ingressar nas melhores escolas de ensino para aqueles que não possuem uma renda elevada, contatos e educação básica o suficiente, a ideia de que todo americano tem uma oportunidade igual de subir na vida é falsa.

A mobilidade social diminuiu nas últimas décadas, os salários médios estagnaram e a geração jovem de hoje é a primeira na história moderna que espera ser mais pobre do que seus pais. A herança que um indivíduo tem de seus pais pode representar até dois terços da riqueza gerada por um ele.



Fonte: Algebray (UK) Limited, The Equality of Opportunity Project

A lacuna crescente entre ricos e pobres, velhos e jovens, tem sido largamente ignorada por políticos e investidores até o recente aumento dos votos *anti-establishment*. A desigualdade é muito mais do que um efeito colateral do capitalismo. Como discutidos nas seções acima, a desigualdade é um sintoma de negligência política, onde por décadas os atalhos de crédito e estímulo monetário substituíram com muita facilidade a reforma estrutural, o investimento

e a estratégia econômica. O capitalismo tem sido incrivelmente bem-sucedido em aumentar a riqueza, mas falha em redistribuí-la.

A saída seria a competição entre indivíduos e empresas como forma de criar mercados eficientes, aumentando a produção e o PIB (desvirtuando uma ideia de livre-mercado inicialmente proposta por Adam Smith). A intervenção do governo tornou-se desnecessária: qualquer riqueza gerada no processo econômico escorreria automaticamente dos que têm recursos para os menos favorecidos (*trickle-down strategy*). A busca desimpedida da riqueza individual através da competição mudou do vício para a virtude.

Novamente, sabemos que as políticas neoliberais foram bem-sucedidas em gerar crescimento. Mas também sabemos que as mesmas políticas falharam na redistribuição de recursos e oportunidades. Se o sucesso econômico individual é considerado a maior conquista possível, a pobreza se justifica pela falta de esforço ou habilidade do indivíduo. Mas com a crescente desigualdade social e corporativa, a produtividade estagnou, diminuindo as taxas de crescimento potencial para toda a economia. O resultado tem sido um ciclo de sucessivo de menor produtividade, menores taxas de juros, maiores níveis de endividamento e ainda maior desigualdade.

Assim, não é que os valores da sociedade americana desapareceram ou não existem mais, mas sim que estão fortemente corrompidos e desvirtuados. O que acontece atualmente nos Estados Unidos é que o sucesso do American Dream (o Self Made Man) pode ser personificado e em referências políticas, acadêmicas ou até esportivas no país. Porém, o “fracasso” do sonho americano, que é a realidade vivida pela maioria do país, é atribuído à falta de esforço, talento ou sorte, e não a falta de oportunidade. O problema é, portanto, que o aumento da desigualdade, endividamento são vistos muitas vezes como erros individuais, e não como a falta de lideranças e iniciativas políticas que revertam esse cenário dando mais oportunidade através da educação e saúde no país.

## **5. Conclusão**

Um dos países mais ricos e populosos, que se orgulha de ser a terra da oportunidade, mas no qual as perspectivas de uma criança dependem cada vez mais da renda e da educação de seus pais. Um país que acredita em fair play,

mas em que os mais ricos geralmente pagam uma porcentagem menor de sua renda em impostos do que os menos favorecidos. Um país onde a população afirma haver “justiça para todos”, mas onde cada vez mais, só há justiça para aqueles que podem pagar. Esse é o cenário e as contradições que os Estados Unidos enfrentam e que, gradualmente, começam a ganhar destaque graças as enormes desigualdades que marcam sua sociedade - desigualdades maiores do que em diversos outros países avançados.

Um dos principais pontos discutidos por Stiglitz em seu livro *The Price of Inequality*, é a discussão entre prosperidade econômica e desigualdade. Para o autor, o crescente debate sobre a desigualdade nos EUA hoje é, acima de tudo, sobre a natureza da sociedade, da visão que os americanos têm de si e que os outros povos possuem dos americanos. No passado, os EUA tinham como pilar social a classe média, onde as gerações futuras encontravam melhores condições que as anteriores. A classe média - a versão moderna do pequeno fazendeiro americano proprietário de propriedades que Thomas Jefferson (um dos principais intelectuais americanos e uma das principais representações do *Self Made Man*) via como a espinha dorsal do país - estava na base de democracia. Entendia-se que a melhor maneira de crescer era construir a partir do meio - em vez de descer do topo, justamente o oposto do que foi feito durante as últimas crises.

Stiglitz ainda aponta que os Estados Unidos parecem ter tolerância à desigualdade maior do que outras economias. O sonho americano por excelência tem se mostrado um mito: a América é menos uma terra de oportunidades do que a maioria dos países da velha Europa.

O autor defende que uma reforma tributária de grande magnitude seria uma das saídas para tirar melhor proveito dos recursos do país. Uma distribuição de renda que se originasse com uma reforma tributária daria maior oportunidade aos menos favorecidos, principalmente através de melhorias no sistema de saúde, garantias de acesso à educação dos mais pobres e um sistema de justiça justo, onde toda a população tenha acesso de maneira igualitária (ou o mais similar possível).

Como fazer essa reforma? Quais bens deveriam ser tributados e em qual grau? Como aproveitar os recursos excedentes dessa reforma de modo a garantir sua melhor utilização em áreas que realmente os necessitam? Esses são pontos interessantíssimos e que merecem outra discussão. O debate atual nos EUA não é sobre como eliminar a desigualdade. É simplesmente sobre a falta de uma liderança americana para moderar e restaurar o *American Dream*.

## 6. Referências

**Base de dados disponível em:**

[www.census.gov/data/tables/time-series/demo/income-poverty/historical-income-inequality.html](http://www.census.gov/data/tables/time-series/demo/income-poverty/historical-income-inequality.html)

[www.wid.world/data/#countrytimeseries/sptinc\\_p0p50\\_992\\_j;sptinc\\_p99p100\\_992\\_j/US/1930/2016/eu/k/p/yearly/s](http://www.wid.world/data/#countrytimeseries/sptinc_p0p50_992_j;sptinc_p99p100_992_j/US/1930/2016/eu/k/p/yearly/s)

<https://washingtonmonthly.com/magazine/novdec-2014/conclusion-slow-growth-and-inequality-are-political-choices-we-can-choose-otherwise/>

<http://www.worldbank.org/>

<https://www.childtrends.org/databank-indicators/databank-by-life-stage/>

<https://www.economist.com/node/7059155>

<https://www.economist.com/democracy-in-america/2017/09/08/the-cost-of-the-american-dream>

**Autores/Obras:**

Stiglitz, Joseph. Price of Inequality for Sustainable Humanity, 2012

Stiglitz, Joseph. Inequality and Economic Growth, 2015

Stiglitz, Joseph. The Welfare State In The Twenty-first Century, 2017

Temim P.; Levy, F; Inequality And Institutions In 20th Century America, 2007